

Blumenau

em

Cadernos

TOMO XXXIV

Setembro de 1993

Nº. 9

PORTE PAGO
DR/SC
ISR-58 - 603/87



A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Walter Schmidt Com. e Ind. Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Sul Fabril S/A.
Herwig Shimizu Arquitetos e Associados
Auto Mecânica Alfredo Bretkopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.
Casa Meyer.
ONEDA — Equipamentos para Escritório Ltda.
Casa Buerger Ltda.
UNIMED - Blumenau
Casa Flamingo Ltda.
Gráfica 43 S/A Ind. e Com.
Família Atilio Zonta
Lindner Arquitetura e Gerenciamento S/C Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXIV

Setembro de 1993

Nº. 9

SUMÁRIO

Página

Figura do Presente — Pe. Antônio Francisco Bohn	278
Curiosidades de uma Época - XXVI — S. C. Wahle	283
Ensino Público e Particular em Blumenau — W. J. Wandall	285
Subsídios Históricos — Rosa Herkenhoff	288
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	289
Cartas	291
Santa Catarina, um Estado Interessante	293
Romancistas "Alemães" Catarinenses (4) — Walburga Uber	294
Genealogia da Família Schmidt ou Schmitt — Pedro Ernesto da Silva	296
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta	299
Aconteceu — Agosto de 1993	304
Toponímia Barriga-Verde — Theobaldo Costa Jamundá	307

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 200.000,00
Número avulso Cr\$ 40.000,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) Cr\$ 400.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711
89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Foto: Prédio atual da Prefeitura, construído no governo Renato Vianna (1978/82), que após 11 anos retorna ao poder municipal, usufruindo da obra que construiu, reconduzido pela força do voto dos eleitores blumenauenses.

Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenau Ltda.

DOM GREGÓRIO WARMELING

Pe. Antônio Francisco Bohn

Gregório Warmeling nasceu no dia 17 de abril de 1918 no distrito de Pindotiba, município de Orleans, em Santa Catarina. Filho de Henrique e Rosa Wessler Warmeling é o primogênito de uma família de dez filhos.

Desde terra idade manifestou o desejo de tornar-se padre, pela influência religiosa dos pais. Pelos quatro anos de idade, em um de seus afazeres prediletos que era o de serrar madeira, machucou o dedo, ao que prontamente sua mãe lhe teria dito: "Agora não podes mais ser padre porque cortaste o dedo". De seu tempo de infância guarda ainda muitas outras recordações, merecedor que é de uma memória invejável: a velha casa de madeira coberta de palha; as histórias de aparições de fantasmas, bem próprias dos westfalianos; da cena do pai escavando a terra para procurar água e da amizade que nutriu com a família Bonetti.

Em 1927 iniciou seus estudos fundamentais, recebendo uma idônea formação religiosa, notadamente de Irmã Ermenhild, da Congregação das Irmãs da Divina Providência. No entanto, seria com as aulas de catecismo com a Irmã Teófana, uma grande incentivadora de vocações sacerdotais e religiosas, que receberia uma orientação mais segura, consciente e constante para seus propósitos de tornar-se sacerdote. Após sua Primeira Comunhão ocorrida no dia 08 de dezembro de 1929, sentiu intimamente o convite mais profundo de sua vida: "Jesus me disse para ser padre". Naquele

mesmo ano, o então Pe. Jaime de Barros Câmara, reitor do Seminário de Azambuja em Brusque, de passagem pela cidade de São Ludgero, acompanhado de um grupo de seminaristas visitou a escola. Ciente do desejo de alguns jovens de ingressarem no seminário, conversou demoradamente com cada um deles. Quando chegou a vez do jovem Gregório e, diante de pergunta: Por que você quer ser padre?, não hesitou numa resposta simples mas verdadeira: "Para rezar missa".

No entanto, a confirmação final de seu desejo só viria confirmar-se durante uma missa, naquele mesmo ano, celebrada pelo Monsenhor Frederico Tonbrock. Durante o "Dominus Vobiscum" do sacerdote, o jovem se fez a seguinte pergunta: "Por que você também não faz o mesmo que ele?". Era assim o apelo mais profundo e a confirmação de um propósito que alimentava desde os primeiros anos de vida. Deus mesmo o convidava para uma missão maior do que os horizontes de Orleans poderiam esperar e suportar.

Em 1930 ingressa no Seminário de Azambuja, deixando para trás a casa dos pais e respondendo assim aos fortes apelos internos que sentia. Porém, seus propósitos são momentaneamente interrompidos ao final deste mesmo ano, quando, em Blumenau se submete a um exame médico. Após a consulta que constatou estar com problemas na espinha dorsal, o médico lhe dá dois meses de vida. Desligado do seminário, o pai vai buscá-lo no porto de Laguna, para levá-lo novamente para casa. O pai, preocupado com o

seu estado de saúde, quando as comunicações eram ainda tão deficientes apressa-se em perguntar-lhe: "O que você tem?". Ao que, prontamente, o filho lhe responde simplesmente: "Estou doente". Mas, é no aconchego do lar e cercado de cuidados caseiros da mãe que recupera sua saúde. São necessários poucos meses para que possa reabilitar-se e prosseguir no ideal tão almejado. Eram justamente os meses de férias.

Assim, em 1931 já pode retornar para o Seminário de Azambuja, não porém depois de ter encontrado inúmeras resistências, dado o medo de que pudesse piorar em seu estado de saúde e comprometer o nome da instituição recentemente fundada. Porém, sob a proteção e assistência do bom Deus que o requisitava para seu serviço, o mal parecia ter sido eliminado. Até 1933 cursa os estudos secundários. Aprende a tocar harmônio, num esforço autodidata, como também vai, aos poucos, manifestando um grande apreço pela música, sobretudo erudita que aprecia até hoje. No dia 15 de agosto deste mesmo ano ingressa na Congregação Mariana, forte influência na sua espiritualidade. Manifestava-se, assim, uma de suas devoções religiosas mais profundas, ou seja, o amor filial para com a mãe de Jesus.

No dia 08 de dezembro de 1934 recebeu a batina eclesiástica no Santuário de Azambuja. Durante esses anos de estudos sempre manifestou grande predileção e apreço pelas línguas estrangeiras, menos pela inglesa que, por convicção pessoal, se ressentia em não dominar até hoje. No ano seguinte, fez o curso de preparação para o ingresso no curso de filosofia.

Em meados de 1935 iniciou seus estudos específicos para o sacerdócio através da filosofia, simultaneamente sendo convidado para lecionar

no mesmo seminário algumas disciplinas e desempenhando as funções de prefeito de disciplina. Nunca se considerou um aluno brilhante, preferindo autodefinir-se como aluno médio, não deixando de desempenhar funções de liderança. Pelas Ciências Exatas manifestou inferiores aptidões às Ciências Humanas e Históricas, características que o tornam uma pessoa idônea para recordar datas e acontecimentos da História Geral. No ano posterior, continuou lecionando latim, grego e história entre outras disciplinas, interrompendo seus próprios estudos, mas prestando um auxílio às necessidades do próprio Seminário.

Nos anos de 1938 e 1939 esteve em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, no Seminário Central, para continuar seus estudos de filosofia, ao lado de outros estudantes catarinenses. Lá fez grandes amizades, algumas das quais permanecem até hoje. As mudanças de ambientes lhe exigiram redobrado esforço, já que se tratavam de estudos mais profundos. No Seminário Central pode continuar desenvolvendo sua aptidão pela música. Atuou no auxílio de regência do coral do Seminário e fez parte da Banda de Música. No ano de 1938 fez o Tiro de Guerra em São Leopoldo.

Entre os anos de 1940 e 1943 frequentou o curso de teologia. Durante esses mesmos anos assumiu a regência direta do coral de estudantes. Para o aprimoramento das vozes e para atingir o bom nível desejado criou um curso intensivo de impostação de voz, treinos constantes e a famosa (e hilariante) "hora do bicho" — uma espécie de oportunidade para novos talentos musicais. Com essas iniciativas, pode estar durante anos à frente de um coral harmonioso e exemplar, sem descuidar da influência de renomados professores, dos

quais pelo apreço, admiração, amizade e zelo soube assimilar lições úteis. Considerações fundamentais advindas de tão dedicados professores influenciavam na formação dos novos sacerdotes do clero catarinense.

Em julho de 1943, o arcebispo de Florianópolis, Dom Joaquim Domingues de Oliveira o chamou, juntamente com os outros três alunos de seu curso, para prestar exames suplementares no Seminário de Azambuja. Ficava devendo, assim, o término de seu curso teológico. O arcebispo tinha necessidade urgente de novos padres. Dessa forma, em 29 de agosto do mesmo ano é ordenado diácono. E, no dia 05 de setembro, recebeu a ordenação sacerdotal pela imposição das mãos de Dom Joaquim. Seus padrinhos de ordenação foram: Jorge Lacerda e Nereu Ramos. No dia 13 de setembro é nomeado coadjutor na Paróquia Santíssimo Sacramento, em Itajaí.

No ano seguinte, é designado para suas novas funções, retornando ao Seminário de Azambuja para exercer os encargos de professor e prefeito de disciplina. Nos anos de 1945 e 1946 é nomeado pelo arcebispo como assistente espiritual dos estudantes, função esta muito exigente e que acabou trazendo-lhe experiências amargas. Em 1947 recebe a incumbência de ser coadjutor na paróquia São José, em Criciúma. Permaneceria ali pouco tempo, pois um novo trabalho lhe era solicitado.

No dia 25 de janeiro de 1948, assume o cargo de vigário de Laguna. No início, considera que desenvolveu um trabalho mais tradicional e sacramental junto aos Movimentos e Irmandades existentes naquela paróquia seguindo o ditado popular que diz: "em primeiro lugar deve-se criar raízes só para depois mudar de folhas". Pe. Gregório Warmeling iniciou algumas inovações para a época: a missa das cri-

anças, pregações não feitas do púlpito mas em meio ao povo e numa linguagem mais compreensível para ele. Lembra com saudosismo que sentava-se na praça da matriz para conversar com os paroquianos, sendo inteiramente disponível. Freqüentava também o chamado Café Tupi, local de reunião informal para todos os moradores, "local onde se resolviam todos os problemas". Foram passos importantes que o aproximaram ainda mais da comunidade paroquial.

É inegável a influência que Laguna viria exercer sobre sua vida e sua conduta. Marcas profundas. Por um lado, levava uma vida comum de um padre de interior. De outro, era um alemão no meio de açorianos. Por isso, procurou estreitar ligações entre a matriz e capelas, num tempo em que a comunicação era a canoa à vela. Hoje expressa sua iniciativa dizendo que "procurou sentir a embocadura e o linguajar do povo". Mas, a influência viria a ser recíproca. O vigário, de sua parte, procurou compreender a grande piedade do povo lagunerense, que o deixou impressionado. Sentiu necessidade de organizar alguns aspectos como o caso das procissões. Nessa piedade popular chamou sua atenção a grande devoção a Santo Antônio e resume: "quando Santo Antônio não queria sair para a procissão, era até difícil tirá-lo do lugar". Procurou estreitar laços com os paroquianos, compreendendo que o povo tem sua própria filosofia e teologia. Fez questão de entrar para a Irmandade do Santíssimo Sacramento e diz ter lá sepultura garantida. O vigário gostava tanto da paróquia e da cidade que chegou a pensar em muitos momentos que nunca mais sairia de lá. Entretanto, o vigário não só ensinou, quanto também aprendeu. E muito! Aprendeu do povo simples e pescadores certos ditados populares e máxi-

mas da sabedoria popular que costuma repetir até hoje, em muitos e muitos momentos. Falava também dessa maneira simples para que fosse compreendido. Aprendeu do povo humilde a sabedoria de Deus. Por isso, dedicou-se incansavelmente pelo rebanho a ele confiado. Dele se costuma dizer: "foi um homem que levou a sacristia e a igreja para a praça". Energico, quando as situações assim o exigiam, definiram-no os paroquianos: "um homem temido, mas querido".

Recordando o passado, conta de uma cena que o marcou profundamente e o fez pensar muito. Numa noite de domingo, após o término de todas as atividades religiosas chegou na casa paroquial extremamente cansado e pensou consigo mesmo que não atenderia mais ninguém, sob hipótese alguma. Mal havia pensado assim quando foi imediatamente chamado para atender uma senhora que estava morrendo. Tomado de novo vigor, apressou-se em atender o chamado. E, no diálogo muito rápido que ainda acontece entre o vigário e aquela senhora, este lhe diz: "leve lembranças minhas a Deus", ao que a moribunda lhe responde: "levarei". E morreu com serenidade. Aquele diálogo, aquela cena lhe impressionaram.

De Dom Joaquim, arcebispo metropolitano, recebeu enquanto vigário o título de cônego, mas não aceitou, tendo recusado a distinção. Numa certa ocasião, ouviu de um bispo, Dom Geraldo Fernandes, a seguinte expressão: "Por que o clero catarinense não tem bispos?" Era o que mais ou menos a partir de 1951 o povo costumava dizer-lhe: "você vai ser bispo". E o que ele mesmo não esperava, acabou acontecendo. Tendo recebido sua nomeação para ser bispo de Joinville, procurou imediatamente consultar seu diretor espiritual e seu confessor. Eram sacerdotes de sua confiança.

Ambos o aconselharam a aceitar a nomeação. Era o ano de 1957. Seu trabalho e sua dedicação como sacerdote o destinavam para um ministério muito maior: ser contado entre os sucessores dos apóstolos. O Monumento da Glória, inaugurado por ele em 1953, um dos cartões postais de Laguna, produzia a grande bênção. O vigário da cidade fora escolhido bispo.

No dia 18 de março de 1957 foi ao Rio de Janeiro para conversar com o Núncio Apostólico, Dom Armando Lombardi. Ainda não havia feito sua decisão final e acreditava ser importante esse encontro, no qual queria expor algumas idéias. Duas posições pessoais considerava importantes serem expressas ao Núncio. Primeira, que se considerava nacionalista e achava que as orações e liturgias deveriam ser em português e dialogadas com o povo. Segunda, que não tinha tempo para brigar com as outras Igrejas. Era uma atitude de respeito e diálogo ecumênico. Tendo merecido uma palavra de incentivo do Núncio Apostólico, deu o seu sim final. Foi um alívio. A decisão estava tomada... e o bispo de Joinville chorou.

No dia 03 de abril de 1957, o Repórter Esso divulgou sua nomeação. Uma religiosa teria ouvido a notícia e rapidamente telefonado ao vigário dizendo-lhe: "Meu Sagrado Coração, que fizeram contigo?". Pe. Gregório escolhe a própria cidade e matriz para sua sagração episcopal. Escolhe Dom Joaquim, para ser o sagrante principal e D. Anselmo e Dom Inácio como co-sagrantes. Não tinha de momento grandes planos, mas escreve sua primeira Carta Pastoral ao povo de sua diocese. Era assim, o primeiro aluno do Seminário de Azambuja a atingir a dignidade episcopal. Na emocionante cerimônia realizada na

matriz de Laguna estavam também seus padrinhos escolhidos: Jorge Lacerda e Nereu Ramos. Era o dia 29 de junho e agora se chamava Dom Gregório.

Sua recepção em Joinville foi festiva. Percebeu logo a mudança ocorrida: de pastor de uma paróquia para ser o pastor de uma diocese. Logo também um outro acontecimento: sua convocação para o Concílio Vaticano II. Participou das quatro sessões. Percebeu que as coisas estavam mudando para melhor: teólogos mais abertos, a participação das mulheres e a presença de cristãos de outras Igrejas e denominações como observadores. Tudo acontecia num ambiente de muita integridade e simplicidade.

Realmente deve ter sido uma grande experiência para o novo bispo. Encontrava eco aos anseios que esperava. Percebeu também que a América Latina contribuía muito com seu calor humano. E diz: 'Agradeço muito a Deus por isso. João XXIII fez o fundamento e Paulo VI fez as paredes dessa construção'.

Na diocese, após o Concílio, iniciou o tempo de organização com as novas idéias. Era o Planejamento Pastoral. Foi a época da elaboração do Primeiro Plano de Pastoral sob a coordenação de Jacó Anderle e Justino Fachini. Em 1970 era organizado o Regional Sul IV da CNBB, formado pelo Estado de Santa Catarina. A diocese deu então um grande passo que até então ainda não tinha sido dado. Foi a época da escolha da Criatividade Comunitária (14 sistemas) como método de trabalho. E tinha o bispo sempre idéias inovadoras, insufladas pelas resoluções do Concílio do qual havia participado. Colaborou de maneira decisiva na elaboração de materiais próprios a serem utilizados na diocese.

Neste mesmo ano de 1970 colabo-

rou na criação do CIER — Conselho de Igrejas para a Educação Religiosa, reunindo diversas denominações cristãs. Por vários anos tem sido Dom Gregório o presidente em exercício, promovendo o diálogo ecumênico e a aproximação com representantes dessas mesmas denominações.

Há vários traços muito fortes em sua personalidade. Um deles é o poder de liderança, de síntese e a visão de futuro. Costuma-se dizer que: — "quando todos estão indo, o bispo já está voltando". Outra característica sua muito marcante é a persistência em busca de um ideal ou uma meta a ser atingida. Empenha-se profundamente para ver o resultado esperado. Dono de uma grande lucidez, possui memória invejável sobre assuntos, datas e lugares, sem esquecer as pessoas. É alguém com idéias claras, falar simples. Aliás, está sempre preocupado com a questão da linguagem. Costuma afirmar seguidamente que é preciso haver uma grande sintonia com o povo.

Para ele, ser bispo "não é ser um grande biblista, cientista ou teólogo, mas é preciso ser um homem de bom senso". Fez do seu viver Cristo. É esse justamente o lema de seu brasão episcopal: *Nihil vivere Christus* — Para mim viver é Cristo. Não lembra do por quê da escolha, mas o fato é que fez do seu sacerdócio o fundamento de sua existência. Sentiu-se envolvido e passou a fazer parte de si.

Já iniciou muitas obras pela diocese e promoveu o crescimento espiritual e material da diocese. Porém, uma grande obra — e a maior — iniciada foi a imponente Catedral Diocesana em Joinville. Considera a Catedral como sua primeira obra começada e não concluída. Um sonho seu não realizado é o de ter estudado mais música. Mesmo assim, desde os

tempos de Seminário esteve sempre envolvido com ela.

Dom Gregório não se considera conservador. Diz que em algumas coisas já deveríamos estar no Concílio Vaticano III. Em questões morais concorda em falar sobre moral de situação. Há necessidade de princípios fixos na moral, mas há também situações condicionantes. Há de se sentir a pulsação do tempo e da história. Há de se entender os outros. Há de sempre se buscar um lado positivo que resta no outro. "Nunca quero ser condenado por precipitação". A pessoa humana não pode ser padronizada. Tem sempre uma palavra de orientação e é procurado por muitos. E diz que se sente feliz em poder ajudar as pessoas e ouvir: "Sua palavra me ajudou a viver de novo".

Tem como modelos dois papas: João XXIII (sua humanidade) e PIO XII (sua inteligência). Sua vida bem o demonstram isso. Também como bispo disse que se sente muito feliz em acompanhar o trabalho dos sa-

cerdotes e dos leigos. Sente-se orgulhoso quando escuta comentários elogiosos a respeito do ministério dos sacerdotes. E aprecia enormemente o trabalho dos leigos, incentivando sempre e sempre mais a criação de novos ministérios para atender a todas as necessidades das comunidades espalhadas pela diocese. Sua grande virtude: a humanidade.

Na diocese ultimamente esteve à frente do Planejamento Pastoral Participativo e, mais recentemente no trabalho pró-formação de novos ministérios. No Regional Sul IV possui importantes e dedicados trabalhos na área pastoral. No dia 17 de abril de 1993 completou 75 anos de idade; no dia 29 de junho completou 36 anos de episcopado e no dia 05 de setembro, 50 anos de sacerdote.

Deus seja louvado, Dom Gregório, pela sua pessoa, como sacerdote e como bispo. E para usar uma de suas frases, terminaria dizendo:

"Nunca quis ser bispo, padre sempre".

CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA - XXVI

Blumenau em Pé de Guerra — Década dos 30s

S. C. Wahle — 1993

Com os desmembramentos dos distritos Rio do Sul e Trombudo, do Município de Blumenau, o povo acabou-se conformando, pois, as partes emancipadas ficavam localizadas no planalto, para quem subia a serra de Subida.

Diferente foi com os desmembramentos de Gaspar, Hamônia, depois, Indaial e Timbó. Estes desmembramentos, ao que tudo indicava, foram objetos de retaliação à oposição política ao então interventor Aristiliano Ramos. O povo de Blumenau revoltou-se contra este ato de humilhação. Levantou-se protestando com um movimento denominado «Por Blumenau Unido». Este levante era orientado por uma comissão que procurava conduzir o movimento. Entre outros, participaram desta comissão, João Kersanach, Otto Hennings, Amadeu Felipe da Luz (Juiz de Direito da Comarca de Blumenau), Antonio Candido de Figueiredo, Carl Wahle, Otto Laux e outros mais de grande prestígio local.

Na falta de uma infraestrutura deste movimento, formaram-se gru-

pos paralelos, alguns até armados, para manter Blumenau isolado do resto do Brasil, o que realmente foi conseguido pelo prazo de uma semana. Faziam parte de um desses grupos, estudantes como Affonso Balsini, Willy Pavlowsky, Conrado Moeller, Percy João de Borba, estes quatro já falecidos, Siegfried Carlos Wahle, e outras vinte pessoas, cujos nomes, nestes 60 anos, me escaparam... Lembro-me bem, que recebi de empréstimo uma pistola Mauser, de fabricação alemã, que alguém trouxera da guerra de 1914-1918. Esta pistola assustava, porém já não atirava mais.

A atividade deste grupo consistia em fechar o caminho para Itajaí, na altura de um riacho que atravessava a estrada, num local chamado «Volta do Capim», bem como as saídas para Indaial, Rio do Testo e Itoupava Central, em frente à ponte «Salto Weissbach» sobre o Rio Itajaí-Açu. Só podiam passar por estes bloqueios os habitantes do município que se dirigiam à cidade ou retornavam as suas casas.

No segundo dia, quando casualmente me encontrava na «Volta do Capim», aparece um carro com destino a Itajaí, com chapa oficial de Florianópolis. O riacho, que atravessava a estrada, obrigava os veículos a reduzir a velocidade, possibilitando um cerco ao carro, parando-o. Os seus ocupantes foram informados que não poderiam sair de Blumenau. Neste instante, um passageiro identificou-se como Chefe de Polícia do Estado de Santa Catarina e insistia em prosseguir viagem. Acredito que na ocasião percebeu pessoas do grupo portando armas, informando-o com firmeza e segurança da necessidade da obtenção de um salvo-conduto da Comissão. Depois de discutirem entre si, resolveram voltar a Blumenau e entrar em contato com a comissão. Esta, resolveu liberar todos os ocupantes do carro, fornecendo o competente salvo-conduto. A notícia de um eventual sequestro não é verdadeira, uma vez que eu pessoalmente acompanhei este chefe de polícia, sempre com intenção de fazer que se respeitasse o cargo dele, e fazendo entretanto, ver a ele, que forçar uma situação poderia ter consequências imprevisíveis. O comportamento desta autoridade foi sempre correto.

Entretanto, no dia seguinte tivemos uma ocorrência realmente séria. Ao transitar por Blumenau, de volta a Indaial e Timbó, três dos principais artífices do movimento separatista, foram reconhecidos, com séria ameaça de linchamento. Foi a intervenção segura e enérgica de elementos da Comissão, liderados por João Kersanach, Carl Wahle, Otto Hennings, Artur Rabe que primeiro os recolheram à loja do Sr. Kersanach. Como esta loja não oferecia segurança, foram levados até os fundos da loja da Livraria Wahle, abrigando-os contra a fúria do povo e esperando que os ânimos serenassem um pouco. Por sugestão dos Srs. Wahle e Hennings, estes três elementos foram conduzidos, acompanhados por membros de grupos até a ponte de «Salto Weissbach», onde foram postos em liberdade. Esta foi uma interferência muito oportuna de pessoas de bom senso, que por pouco teria provocado uma tragédia irreparável.

ENSINO PÚBLICO E PARTICULAR EM BLUMENAU

W. J. Wandall

8. Fundação da "Neue Deutsche Schule"

A respeito da fundação de uma nova escola pública em Blumenau, vejamos o que diz a este respeito o incansável e acreditadíssimo pesquisador e historiador do Vale do Itajaí, Frederico Kilian, baseado numa publicação do jornal blumenauense "Immigrant", edição do ano de 1889, assim informa nosso citado: "apesar do excessivo calor reinante domingo passado", segundo a data da publicação, o domingo aludido refere-se ao dia 17 de março de 1889. "o comparecimento à assembléia escolar, que se realizou no salão do Sr. Gross, foi extraordinariamente bem concorrido. Dos 62 sócios inscritos, compareceram 45.

Para a nova escola esta participação ativa foi um sinal promissor; a indiferença é sempre prejudicial e muitos empreendimentos de utilidade pública perecem por apatia. Porém, esta reunião teve um objetivo especial; teria que dar à nova escola caráter e forma; determinar o ensino e administração geral; portanto, imprimir-lhe o cunho para o futuro. Esta tarefa a assembléia resolveu de forma louvável. Os debates decorreram, apesar de algumas opiniões divergentes, em geral de forma sucinta, estritamente objetivas, com exclusão de toda e quaisquer considerações pessoais e somente podemos expressar o desejo e esperança, que o espírito que ora domina na sociedade escolar, se conserve para todo o futuro.

A diretoria, eleita para um período de três anos, compõe-se dos seguintes senhores: MERK, presidente; PROBST, substituto; HERING SÊNIOR, Tesoureiro; Professor HAERTEL, 1º Secretário; SALINGER, 2º Secretário. Para revisores da caixa, foram eleitos os senhores FRÖHNER e BLOHM. Como local provisório da escola deverão ser usados a casa e terreno pertencentes ao Dr. Blumenau, onde há anos já fora alojada a antiga escola. A 1º. de maio será inaugurada e aberta a escola com dois professores, os senhores RUSELER e WETZEL.

O Dr. Fritz Müller, nosso célebre concidadão, ofereceu-se para assumir o ensino da matéria de ciências naturais. Nossa nova geração poderá, portanto, orgulhar-se de ter o privilégio de usufruir do ensino ministrado por um dos mais sábios da atualidade. Da mesma forma, o senhor DOERCK se ofereceu para o ensino da ginástica. Os excelentes resultados deste senhor como professor da Sociedade de Ginástica local, são indiscutivelmente reconhecidos. Notadamente merece louvor pela sua eficaz educação dos ginastas a uma disciplina militar e cultivo do espírito de solidariedade da turma, tão necessários a nossa juventude. Este ramo de ensino está nas mãos do senhor Doerck, em tão boas mãos como o das ciências naturais nas mãos do Dr. Fritz Müller.

Como terceiro ofereceu-se o senhor Dr. PAULA RAMOS, engenheiro-chefe da Comissão de Levantamento Topográfico, a ministrar o ensino de Física, Química e Agricultura. Estamos convictos de que o Dr. Paula Ramos, com os profundos conhecimentos que possui, terá consideráveis resultados. Todos estes três senhores darão suas aulas totalmente de graça. Este proceder é ainda mais louvável, porquanto nenhum dos três senhores têm filhos em idade de frequentar a escola, não tendo, portanto, outro interesse qualquer que não o de ver prosperar o desenvolvimento da escola. A eles serão assegurados os mais calorosos agradecimentos de todos os amigos da escola e, ainda, de toda a colônia.

O número de sócios da nova Sociedade Escolar, — Deutscher Schulverein — “entrementes, subiu a mais de 70. O número dos alunos matriculados ainda não foi constatado, porém deve chegar à mesma cifra. As inscrições serão aceitas a todo tempo pela Diretoria da escola e chamamos a atenção de todos que pretendem associar-se à comunidade escolar, que é no próprio interesse seu e de seus familiares, se inscreverem o quanto antes e, em todo caso, antes do início das aulas.

A nova sociedade escolar conseguiu, felizmente, constituir a sua escola, sem incidentes, sem lutas e até sem atritos, graças à compreensão e espírito de abnegação de cada um. Porém, para que a escola venha a se desenvolver ao que deve ser, é preciso: uma escola que satisfaça às mais altas exigências, é necessário

que o interesse à mesma fique mantido na comunidade e que, com a mesma compreensão como até agora, a diretoria e professores sejam auxiliados em todos os sentidos e que, se necessário, não falte, no futuro, a abnegação de todos.

Se assim acontecer, a nossa escola será uma benção para a nossa colônia e ao mesmo tempo um mudo monumento que, porém, em eloquente linguagem, dá um testemunho do civismo dos fundadores e dirigentes”.

Não gostaríamos de abrir polêmica sobre as raízes da “Neue Deutsche Schule”, pois, são escassos os documentos e, em muitos casos, até controversos. Queremos, no entanto, fazer menção ao excelente trabalho realizado pela Supervisora Escolar, Conceição Nunes Tugeiro, que, acreditamos tenha munido-se de muito ânimo, paciência e boa vontade no sentido de arrancar as bases históricas do Conjunto Educacional Pedro II, educandário que me acolheu e educou de 1944 a 1952, desde quando era Grupo Escolar Modelo Pedro II até quando, ao sair, denominava-se Ginásio da Escola Normal Pedro II.

Diz a nobre pesquisadora em certo trecho de sua monografia “Origens do Conjunto Educacional Pedro II; in “Blumenau em Cadernos”, tomo XXII, nrs. 11 e 12, de nov./dez. de 1981, página 324 e seguintes: “O professor José Ferreira da Silva, afirma ter sido a fusão das Escolas Novas do Ruseler e de Wetzlar e dá como data inicial de seu funcionamento a de 1º de maio de 1889. O artigo, por nós encontrado, de dezembro de 1888, refutaria tal tese, pois nesse artigo, o referi-

do professor Ruseler faz propaganda de sua própria escola, que, diz ele, deveria principiar em 1889”.

Num primeiro ponto concordamos plenamente com a Supervisora Conceição. Não houve fusão nenhuma com outra ou outras escolas novas, conforme afirma Ferreira da Silva, pois, naquela época elas não existiam. Porém, não se pode desprezar, também, a alusão feita por Frederico Kilian, quando menciona: “como local provisório da escola deverão ser usados a casa e terreno pertencentes ao Dr. Blumenau, onde há anos já fora alojada a antiga escola”. Então, considerando-se estar localizada dita propriedade no início da Alameda Duque de Caxias (“Palmenalee”) — Rua das Palmeiras — tudo leva a crer tratar-se das instalações que servirão para a primeira escola criada em Blumenau, em 1854, quando Fernando Ostermann habilitou-se a ser o primeiro professor público da Colônia Blumenau. É óbvio que tenha sofrido ampliações e melhoramentos com o passar do tempo.

No entanto, a condicionalidade levantada (“refutaria tal tese...”) pode ser explicada, à luz de quantos documentos manuseamos e, ainda acareando as afirmações de Edith Kormann, seriam professores particulares ou enviados pela entidade hamburguesa, para aqui trabalharem como professores, os quais, previam o início da “Neue Deutsche Schule” para o ano de 1889. São pontos de vista discutíveis, sem dúvida. Porém, não desejamos polemizar o assunto, porque historicamente são pouco consisten-

tes os documentos básicos proventos disponíveis.

Com o desaparecimento do Pastor Rodolf Oswald Hesse, em 1879, a escola mantida por esse cura perdeu muito de sua vitalidade, devido não ter sido nomeado um outro Pastor Evangélico efetivo para Blumenau. Ocupava-se da parte religiosa o Pastor Sandreczki, atendendo também a outras populações, sem dispor de tempo para atividades educativas. Somente a 1º. de dezembro de 1889 assume as funções de Pastor da Comunidade Evangélica de Blumenau, Hermann Faulhaber, designado que fora pelo Conselho Superior Eclesiástico de Berlim, em 25 de novembro daquele ano, para trabalhar em Blumenau.

Apesar da Escola Nova Alemã (“Neue Deutsche Schule”) vir desenvolvendo sua atividade desde 1º. de maio de 1889, carecia de um pouco mais de ação. Pensando assim e notando o grande interesse do Pastor Hermann Faulhaber pelo ensino em Blumenau, pois, tinha o cura interesse em transformá-la numa escola evangélica, conforme já fizera anteriormente o Pastor Hesse, “... A 19 de janeiro de 1890, através de parecer de uma assembléia geral da comunidade escolar, foi escolhido como interventor da escola”. Um novo ânimo experimentou o educandário onde se verificou “um constante e satisfatório progresso”.

A partir de 1891 os horizontes sombrios brasileiros, assim tornados em função de problemas surgidos na esfera administrativa federal — Revolta da Armada — fez surgir em Blumenau uma situação de discussões políticas e

tensão, ante à atitude do Tenente Manoel Joaquim Machado, o qual, substituiu a Lauro Severiano Müller na chefia do governo catarinense, por este manter-se fiel ao deposto Presidente da República, Marechal Deodoro da Fonseca.

No entanto, "a decisão férrea e

objetiva da diretoria', da escola, "que juntamente com o inspetor escolar soube enfrentar todos os obstáculos, fez com que a instituição não fosse prejudicada, desenvolvendo-se e mostrando com o tempo os frutos mais belos ali cultivados.

Subsidios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do «Kolonie-Zeitung» (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 23 de março de 1872.

Dona Francisca — Grassa novamente a febre de emigração entre colonos e agora é a província do Rio Grande do Sul a preferida. Nesta semana partiram daqui mais 3 famílias, compreendendo 18 pessoas. Parece que o Paraná e a província de São Paulo até agora alvos preferidos pelos migrantes, saíram de moda. Para S. Paulo só temos a anotar a partida de uma única família, composta de 5 pessoas e de São Paulo até já voltou uma família de 10 pessoas, que havia saído daqui em novembro do ano passado, porque lá também não encontrou o que esperava. São justamente as famílias que aqui em Joinville conseguiram progredir, que são atacadas pela febre, porque imaginam que em outra parte farão fortuna mais rapidamente ainda, mas quase sempre se arrependem e muitas famílias já teriam voltado, se o bolso esvaziado com a viagem e a mudança, permitisse a volta. Uma família de 5 pessoas regressou pelo último vapor para a Europa.

Notícia de 20 de abril de 1872.

Dona Francisca — De Itajaí vieram notícias a respeito de terrível vendaval sudeste, que fez soçobrar um hiate diante da foz do rio Itajaí-Açu, enquanto outro afundou em alto mar. Segundo a descrição do hiate desastrado, sobre o qual se achavam 4 passageiros, parecia tratar-se do hiate joinvillense do Sr. Beck, que se encontra em viagem ao Desterro. No entanto soubemos posteriormente que o Sr. Beck entrou a são e salvo em Itapocoroi. Soubemos também, que todos os passageiros do hiate acidentado foram salvos.

Notícia de 27 de abril de 1872.

Dona Francisca — O temporal sudeste, que açoitou a costa catarinense, causou grandes danos. Segundo consta, somente entre São Francisco e Desterro afundaram oito embarcações, entre as quais um navio, com mais de vinte colonos que se destinavam à colônia Blumenau, morrendo todos os que se achavam a bordo. De fato, posteriormente apareceram, em vários pontos da costa, cadáveres e destroços de embarcações.

VINTE ANOS

Foi em setembro de 1973, depois de uma exasperante espera de quase dois anos e a troca azeda de cartas com o editor (hoje meu grande amigo), que apareceu «O Peão Negro», meu livro de estréia. Uma singela coietânea de causos, envolvendo os caboclos pelos-duros de minha terra, sem maiores pretensões, mas que teve a sorte de cair nas boas graças dos leitores e da crítica, virar tema de vestibulares e ter vários deles transcritos em revistas, jornais e antologias. Os críticos aproveitaram o ensejo para mostrar sabedoria, apontando influências, filiações e escolas de que eu jamais suspeitara e me colocando na mesma linha de Tito Carvalho e Guido Wilmar Sassi, sem esquecer que eu teria celebrado o insólito casamento do regionalismo com o fantástico ou o surreal. Houve alguns que se irritaram e pelos mais surpreendentes motivos, como aquele que não aceitava as montanhas que coloquei nos contos, segundo ele acidentes geográficos inexistentes no Brasil, onde imperam as prosaicas serras. Montanha só na civilizada Europa! Ou aquele outro que embirrava com meu personagem Janary Messias, parece-me que pelo fato de praticar coisas não muito recomendáveis (como viver às custas de uma mulher) e ser ao mesmo tempo vereador, como aliás também era, por pura coincidência, o judicioso crítico. Como se vê, toda uma discussão provocada pelo livrinho, diante da qual o sr. Antonio Candido com certeza retorceria o nariz, uma vez que para ele o regionalismo brasileiro, com raríssimas exceções, «poderia ser posto fora».

Seja como for, animado pela acolhida, reincidi muitas vezes de reincidência específica (a mais grave), e já vão a 23 os livros que publiquei, entre os quais 10 de contos e novelas, além das antologias de que participei. E o pior é que nesses vinte anos não arredei pé das revistas e jornais, grandes ou pequenos, daqui ou de fora, dando meus palpites (muitas vezes furados) sobre a obra alheia. E aqui anda me encontro, numa teimosia maluca de que até Deus deve duvidar.

Nesse período tenho visto coisas espantosas, mais espantosas às vezes que aquelas de meus causos, tão espantosas que deixariam gago para sempre o meu personagem Manéquinho se ele fosse real e não tivesse ficado gago na história. Mas, em compensação, tirados alguns senões, fiz incontáveis amigos, de perto e de longe, gente boa e sincera, que me escreve, apiaude, convida, agradece e até me visita.

Houve, é claro, esbarrões que não chegaram a trompaços e nem provocaram feridas. Lembro, por exemplo, de uma irada carta em alemão quando escrevi que Hans Staden seria um homem de poucas letras (e só repeti Monteiro Lobato...) e uma outra, esta em português arcaico, quando desanquei a tal «teoria» de que pobre é um privilegiado cheio de mordomias. E também lembro do episódio de minha maisinada

candidatura à ACL, quando, apesar dos esforços de alguns amigos, fui atropelado por um currículo de 55 laudas! Coisa que, aliás, eu esperava desde que soube quem era meu adversário, conhecida que é a fascinação dessas instituições pelo poder (v. g.: Roberto Marinho). Mas essa é outra história.

E aqui estou, vinte anos depois, afligindo-me com sérias dúvidas. Não sei se não teria aproveitado melhor o tempo irrecuperável desovando pareceres jurídicos, dando razão ao cliente, mesmo que não a tivesse, com amplas citações de acórdãos capengas e brocados mal traduzidos, em vez de gastá-lo dando opiniões gratuitas sobre coisas que quase ninguém lê e às vezes com carradas de razões. Existem, porém, os que realmente merecem e esses compensam a trabalhadeira que dá.

VARIADAS

Muito justa e merecida a concessão do título de cidadão catarinense ao escritor laponan Soares. Esse riograndense-do-norte adotou nosso Estado e aqui tem prestado imenso serviço como escritor, divulgador e administrador cultural. Parabéns! *** Muito bem feito o número especial de «O Catarina!» alusivo ao centenário do lançamento de «Missal» e «Broquéis», de Cruz e Sousa. Contém ampla abordagem, dando uma visão completa do poeta e de sua obra. *** Nosso País surpreende sempre. Surpresa boa foi a revista «A Província», que me chegou pelo correio, da cidade de Crato (CE). Com duzentas páginas de texto bem impresso e de matérias variadas, é uma publicação que deve envaidecer, justificadamente, seus editores. *** O poeta Assis Cavalcanti está convidando todos os poetas brasileiros para participarem do «Catálogo Geral dos Poetas Brasileiros». É só enviar nome, pseudônimo, data e local de nascimento, endereço, currículo e bibliografia para a Caixa Postal 732 — CEP 50001-970 — Recife/PE. Vamos lá, não deixemos Santa Catarina de fora! *** Muito interessante o jornal «O Contestado», publicado pela Universidade do Contestado — UnC, com muitas matérias de interesse histórico, cultural e educacional. *** O Diário Catarinense e a «Pool for International Education» estão promovendo concurso de contos para catarinenses ou residentes maiores de 16 anos. O prazo se encerra em 30 de outubro e informações mais detalhadas podem ser obtidas junto ao jornal. *** Blumenau brilhou na XI Conferência Estadual dos Advogados. O evento foi um sucesso em todos os sentidos e a participação de nossa gente foi das mais destacadas. Mostraram os profissionais do Direito que estão afinados com os problemas jurídicos e a realidade nacional. *** Uma beleza a exposição «Reinações da Teimosia», a respeito da vida e da obra de Monteiro Lobato, realizada pelo Sesc-Pompéia, em São Paulo. Pela primeira vez em muitos anos consegui ver alguma coisa que não conhecia, como fotos e aquarelas pertencentes à família do escritor. Interessante também a reconstituição do quarto do escritor, onde ele trabalhava, com objetos autênticos que lhe pertenceram. Enfim, algo

diferente! *** Foram lançados no período os seguintes livros: «Sinfonias do Corpo», poemas de Silvério da Costa, em Chapecó; «46 th Street — O Caminho Americano», de Luiz Alberto Scotto, «Naufrágios», de Rodrigo de Haro, «Como Pesa!», de C. Ronald, «Iconographias», de Lindolf Bell, «Espelhos», de Eloah R. M. Castro, «Referências», de Raul Arruda Filho e «No Fundo dos Olhos», de Miriam Portela, todos em Florianópolis.

Cartas

«BLUMENAU EM CADERNOS
Alameda Duque de Caxias, 64
89018.010 — Blumenau, SC
Prezados Senhores:

Acuso, grato, o recebimento do livro «História de Blumenau» de José Ferreira da Silva, 2ª. Edição.

Dado o meu relacionamento com José Ferreira da Silva que datava desde a minha infância, e ao presentear-me com um volume da 1ª. ed., solicitou-me que o comentasse oportunamente. Li o livro, fazendo algumas anotações, que, entretanto nunca tive a oportunidade de submetê-las a ele, pois nesse tempo morreu tragicamente num acidente.

Na minha mudança de São Paulo para São José do Rio Preto, extraviou-se uma caixa, e nesta estava casualmente este livro. Felizmente conservei os documentos e anotações, tanto os meus, quanto os que meu pai me legou.

Pouco tenho a comentar e aproveito a ocasião de passá-los a Blumenau em Cadernos.

1. — Trata-se de um livro precioso e bem feito, ao qual Ferreira dedicara parte de sua vida. Este livro bem que merece pelo menos um índice geral e, preferivelmente, também um índice alfabético. Estes dois índices valorizam consideravelmente qualquer obra literária. Com os recursos de computação é um trabalho que onera pouco.

2. — Na página 167, linha 3, de baixo para cima, consta «o chefe de Polícia de Estado esteve ameaçado de sequestro». Na realidade nunca houve ameaça de sequestro. Afirmo-o, porque tomei parte no episódio do chefe de Polícia do Estado. «Em tempo de guerra há boatos como terra», o que também vale para Blumenau.

Com certeza, alguém soube do caso do chefe de Polícia, aproveitou a ingenuidade dos presentes, tratou de enfeitar-se com bravuras, que eram bem assimiladas pelos incautos e muitos passaram a acreditar em bravatas que nunca existiram.

Na continuação da série de «Curiosidades da Época», conto o que realmente se passou no referido episódio.

Proximamente, enviarei mais algumas partes da minha série.

Atenciosamente

Siegfried Carlos Wahle

Rua Rio Solimões, 226

15091.420 S. J. do Rio Preto, SP».

“Rio, 24 de agosto de 1993:

À Editoria da revista “Blumenau em Cadernos” Blumenau, SC — Prezado Editor.

Esta carta tem como único objetivo expressar-lhe o meu mais profundo e sincero agradecimento pela divulgação que a revista “Blumenau em Cadernos” tem feito nos últimos anos da minha pesquisa sobre a “Literatura em Língua Alemã de Santa Catarina”. Foram diversos os artigos publicados num trabalho pioneiro nesta área. Agora a pesquisa completa surge em forma de livro: “Saudade e Esperança” — o Dualismo do Imigrante Alemão Refletido em sua Literatura”, publicado pela FURB

— Blumenau e com lançamento no Rio de Janeiro em setembro e em Blumenau em outubro deste ano.

Muito devo à Fundação “Casa Dr. Blumenau” em cujo arquivo desenvolvi significativa parte de minhas pesquisas e neste momento de alegria, veem-me à mente gratas recordações da atenção e carinho que sempre recebi de todas as pessoas com as quais estive em contato.

Que “Blumenau em Cadernos” continue nesta tarefa fundamental de salvaguardar nossa consciência história e cultural, a nível de região, Estado e País. Atenciosamente, — WALBURGA HUBER”.

“Blumenau, 25.08.7993.

“Blumenau em Cadernos — Sr. Editor.

Sou assinante de “Blumenau em Cadernos”, e orgulho-me disto, pois realmente, o caderno está cumprindo seu dever, e agradando, ou trazendo conhecimentos a todos que o leem.

Reporto-me à V.S., no sentido de solicitar, caso haja possibilidade, de fazer publicar o texto que segue anexo.

Não se trata de uma importante, ou assunto importante, mas entendo que a história também é escrita por pessoas simples, e, que alguns fatos de deveriam ser conhecidos de todos.

Assim, relato um fato, a respeito de meus pais, principalmente de meu pai Antonio Heckert, por ter sido realmente um pai, um amigo, um conselheiro, e, por ter levado toda sua vida dedicada aos filhos ou outros sem-

nunca exigir nada em troca.

Sei que existem milhões de pessoas pelo mundo afora, que mereceriam ser conhecidas por todo o mundo, por trabalharem na surdina, no anonimato, em favor dos irmãos.

Meu pai, certamente, é um deles, e, como residiu em Blumenau muitos anos, queremos, como blumenauense, prestar-lhe esta homenagem.

O mundo precisa conhecer mais sobre seus filhos, e, quem sabe, muitas lições de amor, não ajudariam na construção de uma vida mais justa e humana para todos?

Pelo que V. S. possa fazer, envio meus sinceros agradecimentos, e votos de muito sucesso em vosso trabalho tão áspero, mas, compensador. — Sem mais, com meus abraços, subscrevo-me atenciosamente — Cláudio Heckert”.

SANTA CATARINA, UM ESTADO INTERESSANTE

O Jornal "Correio do Piauí", de Teresina, em sua edição de 03 de Fevereiro de 1983, publicou o seguinte:

FRANCISCO MIGUEL DE MOURA
(Membro da Academia Piauiense de Letras)

"Culturalmente, Santa Catarina é um Estado interessante, porque diferente, haja vista a riqueza de mistura em raças, religiões, costumes, etc. A primeira pessoa de lá com quem mantive contato foi o contista Salim Miguel. Morava ele no Rio, nos anos setenta, trabalhava na Manchete, a revista. Ele e Cicero Sandroni — fizeram o maior e melhor levantamento do conto brasileiro, publicando mensalmente uma revista chamada "FICÇÃO", da qual fui correspondente no Piauí. Salim fora do Grupo Sul, famoso movimento artístico que levou o modernismo a enraizar-se naquele Estado sulino, dissecado e historiado pela escritora Lina Leal Sabino, em livro do mesmo título (GRUPO SUL), edição da Fundação Cultural Catarinense, 1981.

Este não é um trabalho crítico, senão diria que um dos maiores contistas catarinenses do meu conhecimento é Salim Miguel, talvez superado apenas por Holdemar Menezes, sobre quem escrevi nos idos de 70 alguma crítica, e bastante elogiosa. Mas há outros como Péricles Prado, Enéas Athanázio, Amaline Issa. Sobre essa poetisa e lírica do conto, também escrevi um bonito artigo, como publiquei sobre os outros dois. Talvez eu seja um dos maiores (em volume) críticos do conto. Holdemar Menezes e Péricles Prado são da Academia Catarinense de Letras. Enéas Athanázio e Imaline Issa, creio que, se não são, é porque não querem.

Na área da poesia, conheci, a partir da publicação dos seus primeiros livros, o poeta e professor de literatura Alcides Buss, o grande poeta contemporâneo de Santa Catarina e talvez um dos melhores do nosso país. É também um agitador cultural, um movimentador do meio, a fim de po-

pularizar a poesia, sem, contudo, ter que reduzir o seu valor formal. Mais outro grande poeta vim a conhecer depois: Hugo Mund Júnior, que tem-se lembrado de mandar-me suas publicações. Em troca, mando-lhe o que publico.

Mais ou menos, assim, tenho feito contato com os escritores de Sta. Catarina. Os que não foram citados, que me desculpem. A memória minha é que não é boa. Noutro levantamento hei de lembrá-los.

Os primeiros contatos foram citados já. Passemos aos mais recentes fatos.

Em 1991, já no final do ano, novembro se não me engano, estive pessoalmente em Santa Catarina e fui recepcionado, em Florianópolis por Paschoal Apóstolo Pitsica, Presidente da Academia Catarinense de Letras, pessoa e entidade que estou representando junto à Academia Piauiense de Letras, na festa dos seus 75 anos de fundada. Na praia de Camboriú, Enéas Athanázio e sua esposa me receberam, aliás, nos receberam (eu e minha esposa), em seu apartamento almoçamos e depois em seu carro viajamos até a cidade próxima, para tomar um transporte para o Rio de Janeiro. Enéas Athanázio é muito espirituoso e me parece que muito sistemático, talvez por isso ainda não o tenham levado para o seio acadêmico. É bastante conhecido no Piauí, por seus escritos, e aqui já esteve, retratando-nos em suas crônicas de viagem, em suas críticas literárias, em suas notas nos jornais de Santa Catarina. É uma pena que os piauienses sejam mal-agraçados e nem sequer tomem conhecimento disto. Athanázio é um dos maiores movimentadores da cultura catarinense e um dos escritores que, sem sair da província, adquiriu nome nacional.

Em Florianópolis, tive a oportunidade de conhecer o Instituto Histórico e Geográfico e a Academia de Letras, além da Universidade Federal. Creio que são essas instituições o suporte das aspirações artísticas dos catarinenses — pelo que promovem, estimulam e realizam. Na Academia Ca-

tarinense de Letras soube que as nossas publicações chegam ao seu destino, pois tive o prazer de encontrar a revista APL e livros dos nossos escritores enviados pelo saudoso A. Tito Filho.

Mirha viagem acima mencionada foi também uma missão cultural. E como tal, fui portador de muitas publicações da Academia Catarinense à nossa: revista, livros, antologia.

Deixei por último as informações do meu amigo e estimado amigo do Piauí, acadêmico e escritor Theobaldo Costa Jamundá, que nos brindou com um belo jantar e conversa de íntimos. Não é necessário falar de sua cultura e dedicação àquele Estado. Dele tenho recebido quase todas as novidades literárias e editoriais de Sta. Catarina, desde obras completas de Luís Delfino e Cruz e Souza à História da Literatura Catarinense, escrita por um acadêmico, escritor Celestino Sacht. Duma dedicação impressionante a seu Estado, não deixa por menos Theobaldo Jamundá: publicou recentemente um livro de artigos e ensaios cujo título é nada mais nada menos que "A. Tito Filho — Incomparável".

Se me permitem um conceito ou uma concepção da brasilidade de Sta.

Catarina, digo: achei impressionante encontrar nas ruas, convivendo normalmente produzindo, entre descendentes de alemães e de outros tipos europeus, nossa raça de cearense, pernambucanos, gente de todo o Brasil, em harmonia com religiões e costumes tão diferentes trazidos pelo colonizador recente — que vi cruzando, calma e pacientemente, com o português dos primórdios da descoberta do país. Claro que estou falando pelo que conheço literariamente e pela minha curta experiência (passagem) pelo Estado. Mas, a isto chamo de brasilidade. A ilha, a antiga Desterro e o Estado de Santa Catarina têm semelhanças com o Rio Gr. do Sul, mas têm suas características próprias, sem deixarem de ser bem brasileiras. Paschoal Apóstolo Pítsica, grego; Holdemar Menezes, cearense; Theobaldo Jamundá, pernambucano, que o digam.

Falar mais, para quê? Leiamos os escritores catarinenses e intercambiemos com ele. Só assim teremos certeza. Porque a literatura reflete, ensina a realidade, e até melhora-a, pois a nossa linguagem é o nosso espírito. Esta é a receita para quem não pode ir lá e ficar pelo menos três dias como eu fiz".

ROMANCISTAS "ALEMÃES" CATARINENSES (4)

Análise de outro romance de Gertrud Gross-Hering — "Der Weg der Frau Agnes Bach" (O Caminho da Sra. Agnes Bach)

Prof^a. WALBURGA UBER — U.F.R.J.

Enredo: Pequena família alemã (marido, mulher e dois filhos) emigra para uma região costeira do Brasil, em época de crise econômica na Alemanha. Com a herança de Agnes eles compram aqui terras para cultivo, nas quais há problemas constantes com os chamados "intrusos", posseiros que já habitavam a terra.

Agnes conhece então um outro alemão, Paul, com o qual tem

profunda afinidade espiritual, o que era impossível com o marido, um tipo grosseiro, de gostos prosaicos. Com este vizinho, cuja mulher, falecida na Alemanha também, se chamava Agnes, inicia uma troca de livros e impressões sobre os mesmos, até que o marido descobre e a proíbe de fazê-lo. Há então vários encontros entre os dois, nos quais revelam amor mútuo. As desavenças com os intrusos levam por

fim a uma tragédia, na qual é assassinado o marido de Agnes. Outros problemas surgem: Paul é preso e levado para a capital (época da Segunda Guerra), Agnes adoece mas, no final, Paul é libertado e, juntos reiniciam nova vida.

Personagens e dualismo: Agnes e seu marido são dois temperamentos opostos, com visão de mundo e condutas contrastantes. Na colônia é lento o processo de adaptação:

... Sabes, a metade do pessoal é alemã, ou melhor, descendente de alemão. Eles ainda falam a língua de meus antepassados misturada com muitos vocábulos brasileiros. A língua da terra naturalmente lhes sai mais facilmente e assim, quase só falam a própria. Agnes mostrou um rosto preocupado:

— Como vai ser um dia com nossos filhos?...

— Há escolas alemãs aqui?

— Não se preocupe com isso agora. O tempo trará a solução.

O incidente que aproxima Agnes e Paul Karsten é bastante significativo: o filho desta, espancado na escola por crianças brasileiras instigadas pelo ódio aos alemães no período da guerra, é socorrido na casa do Sr. Karsten. O episódio traz à baila a "nacionalização", que o Sr. Karsten assim explica:

— Eu não sei se a Sa. já sabe da lei da nacionalização, Sra. Bach. A Sra. quase não tem contato com ninguém. Pois, desde que entrou em vigor, cresceu o topete de todo mundo. Os ca-

boclos se sentem também senhores da terra e seus filhos então, nem se fala. Desta forma, foi que xingaram Heller no seu caminho para a escola e o rapazinho naturalmente usou seus punhos. Mas quando dez caem em cima de um...

O dever e o amor aos filhos é que mantém Agnes casada. Dois fatos trágicos são o clímax do romance: a morte do marido e a prisão do Sr. Karsten. Karsten é levado para Blumenau e depois a Florianópolis para responder a interrogatórios, mas no romance não se mencionam claramente as razões, todas ligadas à Segunda Guerra Mundial:

— O motivo? Nunca me falaram nele. Quem sabe eles próprios não o soubessem. Mas eu creio que tenha sido o pai do menino que esbofetei, por causa de um motivo qualquer, nem sei mais exatamente qual, quem me denunciou. Fizeram insinuações sérias de espionagem e logo apareceram uma ou duas testemunhas (...) em todo caso, viram um grave e "perigoso alemão" na minha pessoa.

O dualismo neste romance é menos acentuado. Agnes e Paul, apesar das dúvidas, optam pelo Brasil, pois, a pátria identifica-se com a pessoa amada:

Se ficariam no Brasil ou se voltavam para a Alemanha, o que lhe importava isso? Ao lado de Paul Gerhard estava a sua pátria, sua paz; ele escolheria, sem dúvidas, o certo para ela e para as crianças. Os tempos maus ha-

viam passado. Que importavam as coisas passadas? Ah, e este pensamento trazia tanto alívio, era tão tranqüilizador.

Agnes sentia o distanciamento do marido e a solidão, mas a saudade já não é tão forte como a dos personagens de outros romances. Ela é belamente definida aqui como algo secreto, obscuro, do reino das emoções:

Havia tanta coisa da qual ela

não podia se dar conta, mas que, mesmo assim, a magoava. Saudade? Na realidade, pouca. No máximo, saudade da vida a que estava acostumada anteriormente, de pessoas com o mesmo espírito e (...) da atmosfera alemã. Ela própria não conseguia esclarecer muito bem o que isto significava; talvez ela tivesse lido algum dia esta expressão e exatamente por isso, por não ter lhe ficado muito claro, ela a guardou como algo repleto de segredo, algo não esclarecido.

GENEALOGIA DA FAMÍLIA SCHMIDT ou SCHMITT

Por Pedro Ernesto da Silva

PREÂMBULO

Origem — A família de João Pedro Schmidt, nosso trisavô, por parte de nossa avó materna, Ana Schmidt, é natural de Brohl, Alemanha, onde seus antepassados já viviam desde 1670.

A aldeia de Brohl está situada ao lado do rio Mosele, entre Cochens e Moselkern; seguindo temos a confluência desse rio com o Reno, na cidade de Coblança, a Leste, e para o Oeste, temos o ducado de Luxemburgo.

Da Renânia provinham nossos primeiros agricultores, parte do assim chamado Hunsrück, parte das margens do rio Reno, Mosele, Saar e Nahe, criavam clima de planície, feroz em toda espécie de produtos hortigrangeiros, assim como para a pecuária, e onde, pelas colônias, os vinhedos pejados se adensavam, em largas manchas verdes pelas encostas.

Também a maioria dos ascendentes dos imigrantes de São Pedro de Alcântara eram originários de Trier, Worms, Mainz, Karlsruhe e Saarbrücken, cidades pertencentes ao Palatinado, ou áreas próximas.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

No século I a. C., o Imperador Julio Cesar determinou o Reno como fronteira dos povos celtas e germânicos.

No século I d. C., ainda sob o Império Romano, as terras a oeste do Reno, em suas proximidades, foram divididas em duas províncias:

Germânica Superior (dos Alpes) até as cercanias de Antunacum ou Andernach com Stasburg, Mains e Koblenz;

Germânica Inferior: de Bonn e Koln até o estuário.

Inclui-se também o alto e médio Mosele com Trier.

O Oeste de Reno sempre foi uma região de agrado para os romanos.

Na confluência romântica do Reno e Mosele em Koblenz, os romanos criaram, com grande conforto, uma base militar.

Mainz transformou-se em capital da Província Germânica Superior.

Aí os romanos estiveram por três séculos.

Worms foi outra cidade que tomou desenvolvimento.

Na Província Belga Prima, os romanos criaram Trier como capital.

Em Trier, os romanos construíram balneários e plantaram vinhos, os quais foram as origens dos famosos vinhos mosele da atualidade.

Na cidade de Trier, das mais antigas da Alemanha, os romanos possuíam termas com muito conforto, com 250m de comprimento e 145m de largura, com piscinas, salões de massagens, saunas, parques de ginástica.

O anfiteatro, onde os gladiadores lutavam com leões, leopardos e ursos, comportava mais de 20.000 assistentes.

Hoje, ainda, podemos ver as termas, a maciça e enegrecida pelo tempo "Porta Negra", um portal das antigas muralhas romanas, com 36m de largura.

Trier é chamada de "segunda Roma".

DEPOIS DOS ROMANOS

Depois dos romanos, vieram os normandos e hunos.

Na fase seguinte, reis e príncipes declararam seu palatinado; edificaram castelos às margens do Reno e nas colinas.

Frederico Barbaroxa I construiu castelos e estabeleceu sua corte em Koblenz. Nos séculos seguintes, vieram os ducados (durante dez séculos) os quais depois dividiram-se.

Explorando as confusões da Reforma, na Alemanha, a França introduziu-se na Lorraine, no 16º. século.

Brandenburg adquiriu Kleve e Mark em 1614, formando o núcleo do futuro poder da Prússia no Reno e, a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) e a Paz de Westphália, em 1648, deu à França um pé na Alsácia.

AMBIENTE PRÓXIMO À IMIGRAÇÃO PARA O BRASIL

Frederico II, o Grande, terceiro rei da Prússia (1740-1786), aboliu a tortura, a censura à imprensa e aboliu a discriminação religiosa.

Frederico Wilhelm II faleceu em 17 de agosto de 1786, marcando um período de grande êxito alemão.

Um pouco antes, as guerras de Luiz XIV consolidaram a posição da França na Alsácia (Reno), mas só em 1766 o Ducado de Lorraine foi, definitivamente, incorporado à França.

A Revolução Francesa e as guerras napoleônicas transformaram a situação.

A margem esquerda do Reno, da fronteira da República Batávia até a Helvética, foi cedida à França pelo Tratado de Lunéville, em 1801, e a radical reorganização da margem direita foi feita pelo **Reichs deputations hauptschulss** de 1803.

Houve um período de hegemonia da França na Alemanha — os franceses invadem Berlin em 27 de outubro de 1806.

Na sujeição da Prússia, pior que a derrota militar, foi o colapso do Estado, com o aparecimento de problemas religiosos, agitações políticas e divergências entre liberais e moderados e entre democratas e radicais (devido a essa situação, Luiz Rigger, em 1800, evadiu-se da Alemanha para o Brasil, vindo a se estabelecer na fazenda "Morro Agudo", na região de Ribeirão Preto).

A agricultura e a indústria sofrem grandes transformações na Europa e, na Alemanha, influenciam as imigrações que vão se seguir.

Em 1810 a fronteira francesa foi estendida do Reno até Lübeck, no mar Báltico.

Em 1824, o território da Prússia foi unido às possessões da margem direita do Reno.

Este era o quadro em 1828, quando os imigrantes vieram para se estabelecer em Santa Catarina.

QUADRO ATUAL

"Viajando nesta área da Alemanha, pude ver as populações trabalhadoras às margens dos rios, a capacidade produtiva industrial, a beleza das construções, as flores, os meandros dos rios.

O povo do Palatinado é uma mistura de celtas, nemeus, burgúndios, romanos, hunos, alemães, eslavos, franceses e holandeses.

Os vales estão cobertos de vinhas. Sobrevivem as castanhas comestíveis, a noz e os álamos. Os gerânios estão por toda parte.

De lá vieram os Schneider, os Bohn, os Wagner, os Brandt, os Hoendchen, os Kurz, os Waldorfs e os Schmidt que formam as raízes que se multiplicaram em Santa Catarina." (**Bibliografia:** "Blumenau em Cadernos", set/92 — Prof. Danton Daçmon).

Embarque -- Daí saíram 146 famílias, com 523 pessoas para embarcarem no porto de Bremen, ao Norte, em 1828, com destino ao Rio de Janeiro, no veleiro alemão "Joana Jacobs".

Chegaram depois de quase cinco meses de viagem, de junho a outubro.

A 28 de outubro prosseguiram viagem para a Ilha do Desterro, hoje Florianópolis (SC), distribuídos em dois navios nacionais: o bergantim "Marquês de Viana", com 359 pessoas e o brigue "Luiza", com 276 pessoas. Este chegou a 7 de novembro de 1828 e foram alojados na Armazém da Lagoinha, por virem doentes, e aí permaneceram por mais de um ano e meio.

O bergantim "Marquês de Viana" chegou a 12 de novembro e foram instalados provisoriamente em alojamentos militares da Ilha e em São José.

Além desses dois navios, também, posteriormente, trouxeram imigrantes os navios "Lucinda", "Carioca" e "Santa Catarina" e foram alojados nos mesmos lugares que os anteriores e encaminhados também para o mesmo destino. (J.A.M. 46)

MOVIMENTAÇÃO

A 11 de fevereiro de 1829, decorridos 2 meses e 29 dias após a chegada do "Marquês de Viana", uma parte dos imigrantes foi recebida e alojada em São José, fazenda Passos e a 17, ainda aí continuavam, por falta de ferramentas e recursos e por causa de uma grande enchente do rio Imaruá, e não havia na colônia, as mínimas condições humanas para serem aí alojados.

DIFICULDADES DE ASSENTAMENTO

A primeira agro-vila de colonos europeus em Santa Catarina, foi a alemã de São Pedro de Alcântara (SPA), assim chamada em homenagem ao primeiro Imperador do Brasil, D. Pedro I.

Sua fundação data de 1º de março de 1829, domingo, quando aí chegaram à mata os primeiros colonos.

Não foi somente a primeira colônia alemã como foi a célula-mater das colônias, que fixou o exemplo histórico da fibra de uma comunidade.

Mas, nem todas as 146 famílias foram ocupar as suas datas em SPA, 14 delas permaneceram na cidade e seus arrabaldes.

LOCALIZAÇÃO

A sede do arraial, futura freguesia, apresentava-se apertada entre colônias, com poucas esperanças de tonar-se um centro maior e, toda a região não era apenas acidentada, mas ainda, muito pedregosa, dificultando qualquer lavoura.

Em 1829, as dificuldades iniciais levaram algumas famílias a emigrar de SPA, no mesmo ano, indo escolher terras mais baixas na própria colônia.

E os alemães recém-vindos perguntavam se não haveria em toda a Província de Santa Catarina, terras mais propícias para amaino e plantio?!

Havia muito mais e bem melhores! Entretanto, ficara decidido pelos escalões superiores que o "caminho do sertão" em demanda dos campos de Lages deveria passar por ali.

Era a razão da colônia Imperial São Pedro de Alcântara por eles fundada.

Na verdade, poucos anos mais tarde, o governo veio a construir, na mesma direção dos campos de Lages, uma estrada paralela até o alto das Taquaras, bem mais fácil e hoje a principal, que subia o vale do rio Cubatão, de planícies largas, de menos pedras e mais águas, região muito bela, Rio dos Bugres acima.

PRIMEIRO SENSO

Em 1º de dezembro de 1830, a colônia SPA acusava a presença de 625 habitantes: 377 homens e 275 mulheres, os quais formavam 168 famílias, distribuídas na sede ou ao longo da estrada, ou no Alto Biguaçu.

No ano de 1836, onze (11) famílias alemãs deixaram as datas que lhes tinham sido concedidas no Maruá; pediram e obtiveram outras, porém mais limitadas, nas margens do rio Cubatão. Vizinha com a colônia Santa Isabel (SI), nas margens do rio dos Bugres e proximidades da serra da Boa Vista.

Em 1837, colonos agressos de SPA formavam a colônia Vargem Grande (Pe. Eloy Dorvalino Köch).

Em 1817, outros colonos ainda se juntaram às novas levas de imigrantes na

colônia Santa Isabel, que se desenvolveu para Loefferscheidt, Rio dos Bugres, Rancho Queimado, Rio Bonito, Serro Chato e Ribeirão Scharft.

Em 1848, uma 3ª. leva de SPA estabeleceu-se no Vale do Itajaí, em Pocinhos, Gaspar, Belchior e Itajaí.

Em 1850, temos a criação das colônias Santo Amaro da Imperatriz (SAI), São Bonifácio, Águas Mornas, Fazenda do Sacramento, Anitápolis e Rio dos Pinheiros.

Em 1853, cria-se a colônia militar de Santa Teresa (hoje **Catuaia**).

Em 1860, os colonos de Angelina e Teresópolis, que se multiplica de 1880 a 1887, nas seguintes ramificações: Cubatão, Rio Novo, Cedro, São Miguel, Capivari, São Ludgero, Quadro-do-Norte, Rio Bonito, Pinheiral, Fortuna, Grão-Pará, Orleans, São José, Armazém, (terra de minha mãe), São João, São Martinho, Vargem do Cedro, Santa Rosa e outras.

GALGANDO A SERRA

No século XX, temos a subida de colonos estabelecendo-se em Urubici, Bom Retiro, São Joaquim e Lages.

RIO ABAIXO

Ou descendo via Bom Retiro, Barracão (Alfredo Wagner) encontrando-se com imigrantes do sul que subiam pela estrada de Rancho Queimado e começavam a descida ao longo do Rio Itajaí-do-Sul, a famosa região pelos pioneiros batizada "Rio Abaixo" a partir daí, começaram a colonização de todo o Vale do Rio Itajaí-do-Sul e suas adjacências, destacando-se Salto Grande (Ituporanga), fundada por Matias Gil Sens (cc) Catarina Gorges (minha tia avó paterna), em 1912.

Enfim, por todos os pontos do Vale do Itajaí, fez-se presente o laborioso agricultor sul catarinense, hoje, por seus filhos, vem marcando presença dinâmica nos cenários catarinense e nacional, quer na qualidade de sacerdotes e religiosos, quer na de políticos, de profissionais liberais e intelectuais em geral.

(Continua no próximo número)

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

Atilio Zonta,

- Modalidades de esportes em Ascurra;
- Provisão de Cura ao Pe. João Canônico;
- Pe. Alfredo Bortolini nomeado Vigário;
- Atuação dos vereadores Hermenegildo Poffo e Teodoro Moser;
- Solene inauguração do Órgão da Igreja Matriz; a música e os,
- Primeiros conjuntos musicais;
- Bodas de Ouro Matrimoniais de Leandro e Rosina Possamai.

Por mais que tenhamos pesquisado em arquivos públicos, em Ascurra, bem como, noutras localidades circunvizinhas sobre as modalidades de esportes, nos primeiros decênios deste século, não conseguimos encontrar dados oficiais. Diante, porém, de um trabalho len-

to mas persistente, através de entrevistas junto a pessoas de terceira idade, aí residentes, obtivemos informações sobre uma modalidade sequer, que embora sucintas, mas, sem dúvida fidedignas, chegamos à conclusão que esses informes foram passados de boca em

boca e de geração a outra. O que obtivemos nesses encontros, por sinal, alegres e cordiais, foi que o primeiro time de futebol surgiu em Ascurra na década de vinte, do qual, muitas recordações agradáveis ficaram conservadas na memória desses entrevistados, em face da alegria e o prazer que o clube lhes proporcionou. O nome do primeiro e inesquecível clube, sem a existência, evidentemente, de sede social, fora o CAMPONÊS FOOTBALL CLUB, cujos participantes começaram a disputar as partidas iniciais, entre casados e solteiros, todos batendo bola descalços, sem camisa, mesmo em pleno inverno, num gramado feito a pás, picaretas e carrinhos de mão, em mutirão organizado, aos sábados e domingos, até à sua conclusão. Nesses dias, os trabalhos eram executados sob prévia permissão do Padre Vigário, após terem assistido à missa. Mas, o «campo», assim como o denominam os nossos entrevistados, fora construído em terreno, propriedade do Colégio Salesiano «São Paulo», nos fundos da atual residência do farmacêutico Dante Zonta. Nesse local, os integrantes do Camponês fizeram suas competições ao longo de muitos anos, resolvendo tempos depois, devido aos inúmeros aficionados desse esporte, mudar-se para outro local mais amplo e plano, então propriedade de Ângelo Poffo e, atualmente, pertencente à viúva Rita Beninca Macoppi, onde voltaram a realizar suas disputas futebolísticas, em que despertavam, sempre mais, curiosidade e euforia a todos os espectadores, especialmente, quando conseguiam lograr vitória frente à equipe visitante, e a conquista de pequenos troféus. Aqueles moços pouco entendiam de futebol,

mas eram bons de bola. O primeiro grupo de pessoas que formou o quadro foi: Andréa Zonta, Eugênio Zonta, Ambrósio Fachini, Ignácio Fachini, Vitório Zonta, Narciso Catafesta, Beltrando Zonta, Júlio Bertelli, Paulo Zonta, Ângelo Zonta, Germano Testoni, Celeste Bonetti, Francisco Tomio, Ernesto Girardi, Júlio Poffo e outros. De Blumenau, subiam a Ascurra, de trem, aos sábados, Emílio Sada, André Sada e Humberto Sada, filhos de Luiza Sada para participarem dos jogos, e se hospedavam na casa do grande amigo, Andréa Zonta. Esses três irmãos, periodicamente, reforçavam a equipe do Camponês quando este lutava para conquistar o pequeno troféu. No final da década de trinta, os irmãos Eugênio e Emílio Poffo, instalaram em Ribeirão São Paulo, a máquina de beneficiar arroz. Muitos moços procedentes de outras regiões, foram atraídos por essa indústria, e aí conseguiam emprego. Simplesmente todos, incorporavam-se de imediato ao Camponês. Entre muitos, podemos apontar: Villi Fávero, Arnaldo Fávero, José Panizza, Carlos Panizza, Teodoro Quintino, este, considerado por todos, o melhor da equipe. Mais tarde, devido à distância geográfica que separa a sede da Vila, ao «campo» de Ribeirão São Paulo, o clube voltou a jogar na quadra do Colégio, cujo treinador, Jacinto Dadam, pedreiro, natural de Nova Trento, fixou residência em Ascurra e se casou com a filha de Ferdinando Catafesta. No início do quarto decênio, quando começou a defrontar-se com Aquidabam, Rodeio e Indaial, com os quais se rivalizava, jogadores mais experientes ingressaram no quadro, fazendo-o mais competitivo, entre os quais podemos mencionar: Vitor

Beber, Cecílio Zonta, Antônio Dalfovo, Leandro Dalfovo, Walmor Zonta, Florindo Poffo, Júlio Merini, Arnaldo Dadam, Dante Zonta, Natalin Badalotti e tantos outros. A disputa com o novo time era acirrada e muitas vezes o jogo o interrompiam frustrando a assistência de festejar a vitória da equipe de sua terra. O Camponês, sempre foi reconhecido como um dos melhores do Médio Vale, haja vista, segundo alguns, seus arremessos de média e longa distância. A mocidade incrementou e fez despertar outras modalidades de esportes, ao longo das décadas subsequentes. Vários clubes foram constituídos sob diversas denominações, em Ribeirão São Paulo, Guaricanas, Ilse, sobre os quais, oportunamente, teceremos valiosos comentários, organizações essas, regidas por Estatutos. Nesses dias de jogos, veteranos formavam coros, sem acompanhamento instrumental, e cantavam as habituais canções italianas, ainda do repertório paterno, pois, tinham eles singular atração por essas inesquecíveis: «Noi siam partiti del nostro paese», Itália sei bella, «Tchau Bella Moretina, Tchau».

Chegaremos à década de sessenta, quando com audácia e entusiasmo, todos se juntaram no sentido de, ao lado de um líder fundaram o Sete de Setembro, e na de oitenta em que seus sócios, construíram a imponente sede social, que levou esse nome.

Aos 27 de novembro de 1912, a Câmara Episcopal de Florianópolis, deu Provisão de Cura ao Curato de Santo Ambrósio, de Ascurra, a favor do Padre João Canônico, ocorrendo seu término, a 31 de dezembro de 1913, com as custas de vinte mil réis. Simultaneamente,

concederam-lhe a Provisão de Faculdades, fórmula B, para o mesmo período.

O Revendo. Padre Alfredo Bortolini, foi nomeado Vigário de Ascurra, por Provisão de 28 de fevereiro de 1953. A partir desta data, começou a escrituração do Livro do Tombo que se encontrava com atraso de seis anos e meio.

Nas eleições que se feriram em 3 de outubro de 1950, elegeram-se os candidatos a Vereador para a período legislativo 1951/1955, dois ascurrenses: Hermenegildo Poffo pelo Partido Social Democrático (PSD), e Teodoro Moser, Cirurgião Dentista, pela União Democrática Nacional (UDN). O Juiz Eleitoral, Dr. Manoel Barbosa de Lacerda, instalou a Câmara Municipal de Indaial, em 6 de fevereiro de 1951, quando, também, deu posse aos sete vereadores eleitos naquele pleito.

O vereador Hermenegildo Poffo se reelegeu para o legislativo indaialense, onde continuou a desenvolver seu trabalho, dando atenção satisfatória aos conterrâneos, e levando ao Executivo Municipal, as solicitações de seu irmão Eugênio, Intendente Distrital, em cuja função permaneceu até 31 de maio de 1954. Albino Bona o substituiu durante três anos.

O vereador Teodoro Moser, pessoa ativa, na eleição da Mesa da Câmara, elegeram-no Vice-Presidente, e nas das Comissões, o guindaram Membro das Finanças, por unanimidade. Moser, sempre atuante e enérgico trouxe às localidades de Ilse, Estação, Ribeirão Cabras e Guaricanas, onde recebeu expressiva soma de votos, muitos benefícios, correspondendo às expectativas de seus eleitores.

Ambos os representantes de

Ascurra, além de seus afazeres habituais, dedicavam-se ao mandato popular, dando desempenho valioso à causa pública.

No dia 26 de abril de 1953, houve festa do Patrocínio de São José, quando, também, ocorreu a solene inauguração do Órgão da Igreja Matriz. Antes da celebração da missa marcada para as 9:00 h o Vigário procedeu à benção do grande instrumento musical. O Frei Raul Brunn, da Ordem dos Franciscanos (O.F.M), de Blumenau, fez a estréia deleitando os assistentes que superlotavam o Santuário de Santo Ambrósio, com excelentes números de seu variado repertório. Para essa solenidade foram convidados, especialmente, o Bispo de Joinville e o Padre Inspetor dos Salesianos, da Inspetoria de Nossa Senhora Auxiliadora, de São Paulo, que não puderam comparecer. O Governador do Estado, fez-se representar pelo Deputado Estadual Dr. Clodorico Moreira, que trouxe generoso donativo do Governador, ao Reverendo Padre Vigário, Alfredo Bortolini.

Desde a antiguidade, qualquer ser humano deixou-se extasiar pela música. Se acreditarmos em lendas, os próprios animais mostraram-se sensíveis aos encantos das melodias. E podemos também observar que, quando a pessoa canta ou assobia, mesmo sem música, tem sua coragem renovada diante de qualquer mundo estranho. E vamos nos lembrar, que as primeiras músicas aprendidas ou ouvidas, sempre constituíram etapas marcantes de nossa formação espiritual. Para todos, sem exceção, a música é a mais bela expressão de vida. Os nossos ancestrais que se embrenharam nestas matas e se implantaram na Colônia de Ascur-

ra, gente de cultura rudimentar e quase todos sem cultivo intelectual, com essas pobres características, mesmo durante o trabalho, ou quando iam e voltavam da roça, sem música, cantavam ou assobiavam as melodias italianas herdadas do minúsculo repertório dos seus antepassados, animando seus corações abatidos, suavizando as dores, infundindo coragem aos que tinham no rosto a marca estampada da idade, dos sofrimentos e das lutas empreendidas através dos anos. Tudo isso veio se repetindo ao longo de cinco décadas, quando, no segundo decênio deste século, surgiu para alegria dessa gente sofrida, a pequena, mas contagiante banda do Colégio «São Paulo» composta por seminaristas e alunos do externato. Esse conjunto de músicos, depois de longos ensaios começou a tocar em festas do seminário e de igrejas e, principalmente, em recepções de autoridades. Instrumentos musicais dessa época ainda existem no Colégio. Não demorou, entretanto, que outras pequenas orquestras foram surgindo com o correr dos anos e estas eram contratadas para abrilhantar festas de igrejas, casamentos, aniversários e bailes públicos. A primeira após a bandinha do Colégio apareceu em 1927, quando Gabriel Polidoro e seu irmão Pedro formaram o dueto tocado por instrumentos. O primeiro no bandoneon e Pedro no violino. O repertório era pequeno mas as mesmas músicas eram tocadas várias vezes durante o tempo em que duravam as festas. As melodias que mais alegravam o povo eram: quebra, quebra gabiroba; como vai você; meu periquitinho verde, e outras. Gabriel, casou com Irene Beber, filha de Atilio e Rosa, es-

tes nascidos em Pergine, Trento, Itália. Após o casamento mudou-se para Rio Dolman, no então município de Hamônia, hoje Ibirama. Alfredo Polidoro, Antônio Pinho e Alfredo Pinho, na sanfona, pandeiro e bateria, respectivamente, integraram o novo conjunto e continuaram a tocar até a década de quarenta, desfazendo-se após o término da segunda guerra mundial.

Em 1937, formaram na freguesia de Ascurra, a terceira corporação musical, constituída por: Eugênio Zonta, no bandoneon, Aleixo Merini na bateria, Ângelo Possamai, no Pistão, Amélio Tomio, clarinete, Gregório Demarchi, rebecão, José Chiarelli, no baixo e Joanin Chiarelli, nos pratos. Todos aprenderam as músicas de ouvido. Notas musicais não eram conhecidas pelos integrantes dos conjuntos acima referenciados, com exceção, dos que faziam parte da banda do Colégio. A da freguesia, tocava e cantava em festas e bailes não somente em Ascurra, mas nas cidades de Itajaí, Gaspar, Rio do Sul, Indaial, Ibirama e frequentemente, nas localidades vizinhas. As melodias italianas representavam o forte do seu repertório, dentre as quais: história de pierina, lo bella polenta, «giovinezza», e tantas outras. A orquestra deixou definitivamente de tocar em 1945, quando Eugênio e José, e suas respectivas famílias se mudaram para Warnow.

O terceiro elenco teve início em Ribeirão São Paulo, em 1947 e tocou até 1959. O de «Irmãos Felippi», formado por: Tercilio no acodeão, Olímpio, na bateria e Armando, no pandeiro, por sinal, um bom e animado conjunto musical.

A Saxônia, também contribuiu,

abrilhantando muitas festas, casamentos e aniversários, representado por: Narciso Catafesta, na sanfona de oito baixos; Alexandre Ferrari, no violão e Alexandre Passero, na cuíca; este instrumento produz ronco e haja ouvido para suportar, noite a dentro, um ruído estridente. O instrumento é feito com pequeno barril em cuja boca, prende-se uma pele bem estirada.

Esses foram os conjuntos musicais que abrilhantaram festas, casamentos, bailes e aniversários durante mais de três décadas, orquestras genuinamente ascurrenses.

Em 21 de janeiro de 1961, em Ascurra, nossa terra natal, tivemos o imenso prazer de participar da festa de Bodas de Ouro Matrimoniais de, Silvestre Possamai e Ana Tomio Possamai, quando também, reuniram tantos parentes e bons amigos, trazendo-lhes, todos, o seu abraço de cordialidade, máxime, seus filhos, Ambrósio, Ângelo, Leopolda, Leandro, Tecla, Alice, seus netos e bisnetos.

Neste mês de outubro, dia 30, às 17:00 h, na Igreja Matriz de Santo Ambrósio, aproximam-se do altar, seu filho Leandro com a esposa Rosina, para receber a bênção, em missa solene, de seu primo Dom Antônio Possamai, Bispo de Ji-Paraná, em comemoração às suas Bodas de Ouro. Nós, sempre amigos do casal, de seus pais, irmãos e filhos, sentimo-nos alegres de felicitá-los, aos quais, nos prendem os liames inquebrantáveis de uma amizade que já vem da juventude e que nos permitiu acompanhar uma grande parte dessa jornada de carinho e de amor que os trouxe até esta comemoração.

Leandro e Rosina, casal que lutou, trabalhou e como prêmio

conquistou um lugar de destaque, não só em nossa terra natal, mas também em muitos municípios do Estado. Leandro, além da árdua luta no sentido de desenvolver sua indústria e o seu comércio, em longos anos outros, sacrificou interesses pessoais para atender à comunidade. Foi Intendente Distrital de Ascurra; Vereador da Câmara Municipal de Indaial quando Ascurra, pertencia àquele município; primeiro Prefeito eleito em 1963; em 1976 eleito pela segunda vez, e vice-Prefeito em 1993. Sua vida de trabalho foi persistente para proporcionar conforto e bem-estar aos seus filhos, e a educação que deu a eles, produziu ótimos frutos.

Esperamos ser agora e sempre dignos da amizade de Leandro

e Rosina, assim como, de seus descendentes. Essa alegria deve perpetuar-se e transmitir-se aos filhos: Lauro, Eloi, Terezinha Leocádia, Ada Renate, Leda Catarina e respectivos cônjuges e filhos, bem como, aos catorze netos e seu bisneto. Tal é o nosso desejo, por que fazemos um voto a Deus, sinceramente, no momento em que, confiando em ser por Ele atendido.

No próximo número de «Blumenau em Cadernos»:

- Visita Oficial do Governador Irineu Bornhausen;
- Instalação do Núcleo Rural;
- Semana Santa de 1946 e,
- Primeira linha de ônibus, Ascurra/Blumenau.

ACONTECEU...

AGOSTO DE 1993

DIA 1º —

— ESTE dia começou com neve no planalto catarinense, tendo nevado em São Joaquim, Urubici, Urupema e Lages, com termômetros chegando aos seis graus negativos. — A PARTIR desta data, os brasileiros passaram a contar com o cruzeiro real, reduzido em três zeros. — JOGANDO o melhor vôlei do mundo, o Selecionado de vôlei do Brasil conseguiu o título de campeão da Liga Mundial de Vôlei Marculino. — EM comemoração aos seus vinte e sete (27) anos de instalação, o SAMAE (Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto) inaugurou uma Exposição Fotográfica (Momento da Água) e a Primeira Retrospectiva de Fotos (Memória da Água), no Espaço Cultural da Caixa Econômica Federal de Blumenau. — OS SOLISTAS da Orquestra de Câmara de Blumenau apresentaram às 19 horas, no Teatro Carlos Gomes, mais um concer-

to da série Eventos Culturais Itaú. — NO RIO Itajaí-Açu, em frente à cidade, houve competição de motonáutica, atraindo milhares de pessoas.

DIA 3

— O INSS iniciou o recadastramento dos aposentados. — FOI CRIADA Comissão Parlamentar na Assembléia Legislativa do Estado para apurar denúncia de irregularidades no DETRAN (Departamento de Trânsito). — SERVIDORES da Prefeitura de Blumenau paralisaram atividades visando obter aumento de vencimentos. — A CÂMARA de Vereadores de Blumenau reiniciou suas atividades normais com uma extensa pauta para os despachos normais. — O FRIO de 5 graus centígrados registrado às seis horas pelo Projeto Crise, da Universidade Regional de Blumenau (dia 2) levou muitas crianças aos hospitais, com problemas respiratórios.

DIA 4 —

— No Pavilhão C da PROEB foi aberto o 21º Encontro de Subcontratação e Exposição Industrial, com a presença de setenta empresas expositivas. — FOI INAUGURADA, à rua Sete de Setembro, esquina com a Paulo Zimmermann, a loja especializada em equipamentos náuticos, denominada OBENÁUTICA. O ato inaugural realizou-se às 18 horas. — FESTEJANDO a passagem dos 133 anos de sua fundação, Brusque realizou várias solenidades, dentre elas um grande desfile cívico através da Avenida Cônsul Carlos Renaux. — SEGUNDO divulgação emanada da Comissão Municipal de Combate à AIDs, existem 213 (duzentas e treze) pessoas oficialmente cadastradas na município de Blumenau, portadoras do vírus HIV. São 144 homens, 75 mulheres e 13 crianças

DIA 6 —

— NO AUDITÓRIO do Teatro Carlos Gomes, a cantora blumenauense Marta Pacheco apresentou o show intitulado "Mil Anos de Amor". Ela foi indicada este ano para o prêmio Sharp, como revelação da música regionalista.

DIA 7 —

— FOI INICIADA em Blumenau a 12ª Etapa do Campeonato Catarinense de Ciclismo. A largada aconteceu às 14 horas, na rua Antônio da Veiga. — NO AUDITÓRIO do Grande Hotel Blumenau, instalou-se (dia 6) o III Encontro da Sociedade de Pediatria do Vale do Itajaí.

DIA 10 —

— O ATLETA marchador blumenauense Sérgio Galdino, recordista sul-americano dos 20 mil metros, embarcou para Stuttgart, na Alemanha, a fim de disputar o Mundial de Atletis-

mo a partir do dia 13. — UM CARREGAMENTO com 25.752 metros de tubos PVC destinados à implantação do esgoto sanitário na rua Amazonas e transversais, no Garcia, foi apresentado à população blumenauense, numa carreta formada por 15 caminhões.

DIA 9 —

— A EDITORA da UFSC lançou o livro "No Fundo dos Olhos" obra de poemas de Mirian Portela, na Galeria de Artes daquela Universidade.

DIA 11 —

— NO TEATRO Carlos Gomes, a Escola Livre de Música promoveu um recital de canto lírico, às 20,30 horas. . . Constatou do programa de uma hora e quinze minutos de duração diversas peças clássicas, românticas, música de câmara, árias de ópera e canções brasileiras. O programa teve a participação destacada dos cantores Marília Siegl (mezzo-soprano do Teatro Municipal de São Paulo) e Domingos Moreno (barítono e professor da Escola Livre de Música), além de Marianice Pfau (soprano joinvillense), Marcos Liebsberg (jovem tenor de Blumenau). — NO BELA VISTA Country Clube, aconteceu uma noite histórica e muito festiva: a inauguração oficial das novas instalações da suntuosa sede social, com cerca de 4 mil metros quadrados. O ato contou com a presença da maioria do quadro social que hoje se compõe de cerca de 1.500 associados. O presidente que liderou a construção da nova sede, Mário José Tonello, foi muito homenageado por seus companheiros de diretoria, conselho deliberativo e associados, pela dedicação com que se houve no comando das ações que redundaram na conclusão da importante obra do Bela Vista. — FORAM iniciadas as obras de implantação da rede de esgo-

to de Blumenau, tendo os trabalhos sido atacados no início da rua Amazonas, praça aonde se situa a Fonte Luminosa.

DIA 13 —

— A PARTIR deste dia, esteve aberta, no saguão da FURB, uma exposição pré-histórica elaborada pelos alunos do Departamento de Ciências naturais e que teve o apoio da Divisão de Promoções Culturais daquela Universidade. — O CORPO de Bombeiros comemorou 35 anos de instalação em Blumenau. O acontecimento foi comemorado com diversas solenidades.

DIA 17

— NOS PAVILHÕES B e C da PROEB, foi aberta a FEBRATEx — Feira Brasileira de Indústria Têxtil — contando com 200 expositores nacionais e estrangeiros. — NAS proximidades da Usina de Leite Trevo, à rua Guilherme Poerner grande quantidade de peixes apareceu morrendo. — COMEÇOU a distribuição de 30 toneladas de feijão às populações mais carentes de Blumenau.

DIA 18 —

— FOI inaugurada no Pavilhão A da PROEB, a Feira de Imóveis de Blumenau, reunindo empresas de materiais, empreendimentos imobiliários e projetos de novas tendências na construção civil.

DIA 19

— O INSTITUTO Cultural Brasil-Alemanha promoveu, às 20 horas, no Teatro Carlos Gomes, um recital de flauta e piano, com o Duo Schroeter e Bark.

DIA 20 —

— SEGUNDO divulgou a imprensa (JSC), é grande a incidência de tuberculose pulmonar na cidade. Os nú-

meros apontados, com crescimento de 20,5%, no registro de pacientes, vem preocupando as autoridades da Saúde Pública. — Na escadaria da Igreja Matriz de Blumenau aconteceu grande manifestação em defesa do Sistema Único de Saúde, organizado pela Secretaria Municipal de Saúde e apoio do Conselho Municipal e sindicatos.

DIA 21 —

— ESTE FOI o dia de vacinação em todo o Estado de Santa Catarina. Em Blumenau, 400 pessoas foram mobilizadas para prestar este importante serviço na luta contra a paralisia infantil.

DIA 22 —

— SEGUNDO divulgou a imprensa (JSC), o trânsito em Blumenau, em apenas sete meses e meio, neste ano, de 1993, já matou 36 pessoas, enquanto que em 1992, durante todo o ano, ocorreram acidentes que causaram a morte de 33 pessoas. — A IMPRENSA (JSC) informa o recebimento, pela FURB, de seu primeiro cromatógrafo gasoso, equipamento utilizado na análise orgânica e na determinação da composição química geral de substâncias gasosas, líquidas e sólidas. — RELATÓRIO apresentado, revelou que a Campanha de Vacinação realizada no dia anterior, em Blumenau, atingiu 22.732 crianças, imunizadas através de 76 postos, nove unidades volantes, nove postos de multivacinação e quatro barreiras de acesso a Blumenau. — OS ALUNOS do Núcleo de Teatro e Escola do Teatro Carlos Gomes apresentaram dois espetáculos no Teatro Carlos Gomes, o primeiro a peça "Ele é Assim Mesmo" e o segundo, a peça "Paz Nem que Seja na Porrada".

DIA 24 —

— COMO RESULTADO da Semana Anti-Tóxico, condzida pelo Conselho Municipal de Entorpecentes, foi

registrado que mais de 10% da população é dependente de álcool. — FÓRAM reiniciados os trabalhos na obra da Estação de Tratamento de Águas, no bairro Garcia, que estava paralisada desde o aro passado.

DIA 25 —

— NAS comemorações do Dia do Soldado, o quartel do 23º B. I., de Blumenau, recebeu a visita de 128 alunos de escolas do município e que participaram do programa "Soldado por Um Dia". Uma iniciativa altamente elogiável, pois que, com isso, as crianças se identificam melhor com o nosso soldado, pela acolhida fraterna que recebem neste dia na caserna.

DIA 28 —

— EM RODEIO, numa solenidade concorridíssima, foi aberta mais uma edição de "La Sagra", na Vila Italiana e que será realizada de 17 a 26 de setembro. — Em Guaramirim, cumpriu-se um vasto programa festivo para comemorar os seus 44 anos de emancipação municipal. Várias obras importantes foram inauguradas.

DIA 31 —

— O GRUPO Ilhéu "Acorde Vocal" apresentou-se às 21 horas no Teatro Carlos Gomes com o show "Acorde Brasil". — Na FURB, foi aberta (dia 27) a exposição "Verde de Nossa Terra", promovida pela Divisão de Promoções Culturais daquela Universidade. — NESTE mesma dia, faleceu a aplaudida cantora Isaurinha Garcia.

TOPONÍMIA BARRIGA-VERDE

THEOBALDO COSTA JAMUNDA

(REFERÊNCIAS MUNICIPAIS - III)

Aqui é próprio que se deixe registrado, o detalhe que para alguém tem alguma importância: naquele patronato agrícola de Anitápolis, unidade da rede de ensino agrícola sob a responsabilidade do Ministério da Agricultura, esteve como um dos seus diretores o blumenauense engº, agrº. Afonso Maria Cardoso da Veiga (anos depois estejamos lembrados o chefe da Inspeção do mesmo ministério sediada na capital do Estado) — Foi dele que recolhi informações sobre uma agricultura desenvolvida ambiciosamente, em Anitápolis. Como ainda que a localização do patronato agrícola lá, sendo um ato político. — Iguamente como rotulararm o topônimo à colonização.

Nem sempre entretanto os topônimos saíram dos gabinetes. E na geografia catarinense como em outras são encontrados os que aparecem no folclore como por

exemplo se ouviu dizer sobre o topônimo "ÁGUA DOCE" (município da microrregião colonial do rio do Peixe). — Tomaram de ouvido em momento ao pé do fogo envolvendo pessoa de nome João Líbia, criatura de Deus muito conhecida nas paragens de Catanduvas sendo tropeiro dos bons. Um dia passando o vau já tantas vezes transposto e com os mesmos animais de carga, o impossível ou melhor o não desejado aconteceu: os sacos de açúcar caíram nágua, e para mágua mais de vergonha que de dor os sacos apareceram, muito abaixo nas corredeiras e assim provaram que se as águas do rio já eram doces ficaram mais. E contaram uns para os outros que, por muito tempo João Líbia outro jeito não encontrou para suportar o riso amarelo de muitos e o assunto ficou na **Voz do povo marcando o lugar: ÁGUA DOCE.**

Nome velho de município novo, é "APIUNA". — Apareceu em 1944 substituindo AQUIDABÃ. O motivo foi a lei federal visante de evitar um mesmo nome para vários distritos e municípios. E pela referida lei a antiguidade conferia o direito de permanecer com o nome. O topônimo "Aquidabã" em Santa Catarina era de menor que outro "Aquidabã" em outro estado brasileiro com antiguidade respeitável.

Como se sabe Aquidabã selecionado pelo colonizador Dr. Blumenau para área de colônia, extremada lá nos abeiraamentos do ribeirão Neisse, revitalizava o momento histórico da guerra contra Solano Lopez, onde estiveram voluntários da Pátria saídos de Blumenau.

"APIUNA" substituiu "Aquidabã" na vigência da Divisão Territorial, Administrativa e Judiciária de Santa Catarina (1944-1948) — "AQUIDABÃ" informam os tupinólogos respeitáveis que é palavra tapuia, embora nome de pequeno curso d'água no Paraguai. (APIUNA É CORRUTELA DE APE-UNA — APEUNA COM SIGNIFICADO PORTUGUÊS DE CAMINHO PRETO). Informo mais uma vez que estou repetindo fonte de tupinólogos.

Tanto "Aquidabã" como "Apiuna" não colheram o carisma, revelado no sabor folclórico, a abrangência da comunicabilidade envolvente e ao mesmo tempo enraizada na vida comunitária. — Os imigrantes ou seus herdeiros (se itálos ou teutônicos) apreciaram o topônimo "Ribeirão do Bugre", exatamente, por lembrar a presença nativa dominadora da significação dos mistérios da mata. E também pela importância das águas. Existe mais de uma dúzia de referências sobre a importância dos cursos d'água na organização comunitária, já e também por que o próprio loteamento na da Colônia de Blumenau, foi com a testada dos lotes sendo ribeirinha. Aí por que quando o "Topônimo" não foi o mesmo do ribeirão ou do rio, não ser assimilado facilmente ou cusar a ser domesticamente valorizado.

Recordo aqui bom amigo de pouca intimidade com a língua vernácula, perguntando-me "Aquidabã" é o mesmo que: aquitã-bom? — Com outro amigo aconteceu não saltar do trem em Apiuna, exatamente, por ainda não ter assimilado o nome que substituíra "Aquidabã". — Custou-lhe a caminhada de muitos quilômetros pelo cascalho da estrada de rodagem e chegar em casa noite alta.

Na lista dos meus lembrados amigos dos tempos indaialenses: Francisco Rossetto, José Petters, Alfredo Blaese, Willy Schultz, Nicolau Bona, Frederico Hardt, quando se referiam ao ribeirão Neisse com a intimidade sustentada pela memória falavam: "Bugarbach". Encontrei explicação que "NEISSE" saiu da prancheta do topógrafo locador conforme aprovação de Dr. Blumenau. Sobre certo modo de entender "Neisse" é nome constante no mapa documentador da colonização e "Ribeirão do Bugre" o nome com algo de mistério no ar da paisagem. — O nome "AQUIDABÃ" no local por que o diretor da Colônia determinou; o nome "APIUNA" por que a Lei dizendo de cima para baixo e com autoridade federal determinou.

Mas a criatura humana imigrada no abraqueiramento foi caldeada pela geografia na aprendizagem de ser criatura inteligente no todo o dia do ribeirão do Bugre. Aquidabano ou apiunense o ser identificado com os áres refrescado pelo ribeirão do Bugre, achou mais próprio nome que na paisagem de modo saliente um morro informava pela própria forma ser cabeça enorme. — E mais ainda ter grutas, nas quais, os próprios bugres dormiam.

Aquela formação lítica pelo exotismo impressionava e ainda impressiona. De certo oprimiu o imigrado tenente dos mistérios da floresta, principalmente, pelas histórias que ouviu dos carijós os sabedores de coisas. O detalhe é que já para os carijós as histórias eram dos antigos; e deles também os topônimos que se pode entender como folclóricos. (CONTINUA)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO DELIBERATIVO: Presidente — Aiga Barreto Mueller Hering
Vice-Presidente — Friederich Ideker

CONSELHEIROS — Dinorah Krieger Gonçalves — Noemi Kellermann —
Frederico Kilian — Manfredo Bubeck — Hans Prayon —
Lorival Harry Hübner Saade — Frank Graf — Hans
Martin Meyer

DIRETORIA

Presidente — Elke Hering
Diretor Administrativo-Financeiro — Walter Ostermann
Diretor de Cultura — Lygia Helena Roussenq Neves

HERING

T Ê X T I L

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.
Para todo mundo. Em todos os tempos.